

Augustin Pic versa o tema do tempo no livro XI das *Confissões*, procurando pôr em relevo a intenção teológica desta meditação filosófica de Agostinho. O tempo, que se liga com a memória, de que se ocupara no livro X, é tratado no livro XI para mostrar a relação da criatura temporal com o Deus eterno, pela graça do Mediador, Jesus Cristo.

Kristell Trego assume o tema da alma e a vontade. Voluntário e involuntário, vontade e desejo, a tríade ser-viver-desejar, boa vontade e sabedoria, livre arbítrio, são, entre outros sub-temas, aí estudados.

Do livre arbítrio se ocupa expressamente Cyrille Michon. Com ele relaciona presciência e contingência, graça e autoterminação, apresentando, a propósito, a estrutura hierárquica do querer.

Hélène Machfert detém-se a reflectir sobre «o peso do amor», numa leitura de *Conf.* XIII, 9, 10 e não sem inserir o peso na tríade agostiniana «*mensura-numerus-pondus*».

Um trabalho de J. Ratzinger incide sobre a origem e o significado da doutrina de Agostinho sobre a «*Ciuitas*».

Patrice Cambronne assume o tema «Destino do eu, destino dos impérios» ou um olhar de Agostinho sobre o mistério da história. Trata-se de um estudo que é um excelente subsídio introdutório para a leitura do *De ciuitate Dei*. Começa por apresentar o estatuto do tempo, segundo Agostinho. Apresenta em seguida o tempo da história como lugar da liberdade, refutando, como tal, o fatalismo astral. O tempo da história é também apresentado como lugar da memória.

Gérald Antoni apresenta um excelente estudo sobre beleza do Verbo e beleza da criação, ou a criação como cântico (*carmen cuiusdam ineffabilis modulatoris*). Páginas elas mesmas de beleza, em que realça a criação como «sonho de Deus», e versa temas como beleza e glória.

Thierry-Dominique Humbrecht, O. P., põe em relevo como Aostinho foi um mestre para Tomás de Aquino, em temas como a história do ser, a «teologia natural», o nosso conhecimento e desconhecimento de Deus, a providência e a graça, o pecado original, o sacrifício de Cristo e o sacrifício da missa.

Isabelle Bochet, SFX, faz as suas variações contemporâneas sobre o enigma do tempo. Contemporâneos são, no caso, H. U. Von Balthasar, P. Ricoeur, Jean-Toussaint Desanti e Claude Romano.

Natalie Depraz, tendo como referência os mestres da redução fenomenológica (Husserl, Heidegger e Merleau-Ponty), mas também com um original relacionamento entre «*reductio*» e «*conuersio*», versa o método da redução em Agostinho.

Philippe Sellier estabelece um enquadramento do agustinismo no campo geral do classicismo literário.

Maxence Caron aborda e relaciona, em profunda especulação metafísica e teológica, três grandes categorias: Ser, Princípio e Trindade.

O livro contém, finalmente, em anexo, um livro de Santo Agostinho, hoje impossível de encontrar, «*Sobre a fé nas coisas que não se vêem*», no qual o mestre de Hipona expõe sobre o sentido filosófico da fé e o sentido da filosofia pela fé.

Concluindo: estamos perante uma colectânea de muito interesse que, sem dúvida, constitui mais um precioso contributo para o aprofundamento de toda uma série de grandes temas legados pelo maior de todos os Doutores da Igreja.

JORGE COUTINHO

MARITAIN, Jacques, **L'homme et l'État**, Préface de Paul VALADIER, Desclee de Brouwer, Paris, 2009, 270 p., 235 x 150, ISBN 978-2-220-06020-0.

Este livro colige, em tradução francesa, uma série de conferências pronunciadas por J. Maritain em Chicago, em Dezembro de 1949. Fruto da sua experiência americana, por causa do exílio a que fora forçado em 1939, no início da Segunda Grande Guerra, representa uma reviravolta no seu pensamento sobre a democracia. O filósofo autor verte aqui as suas ideias sobre o Estado moderno, as suas raízes filosóficas, as suas fontes históricas; propõe uma análise rigorosa e argumentada da democracia e dos direitos do homem. Fiel a Tomás de Aquino, seu mestre por excelência, parte do princípio de que o destino humano ultrapassa os limites do «temporal», tendo como consequência que nem tudo se joga no terreno político.

Na conferência intitulada «O povo e o Estado», Maritain analisa e relaciona conceitos como os de nação, corpo político e Estado; povo; crescimento normal e processo simultâneo de perversão. Em «O conceito de soberania», as suas reflexões, fruto da experiência vivida na América, representam um aprofundamento e viragem de ideias nomeadamente na refutação da ideia de soberania como assunção de um poder, que pertence ao povo, por parte de uma elite que dele se apossa abusivamente. Em «O problema dos meios», faz questão de esclarecer a relação dos fins e dos meios, tendo especialmente em vista os meios de controle à disposição do povo face ao Estado democrático. A conferência sobre «Os direitos do homem» proporcionou-lhe profundas reflexões sobre a necessidade de uma fundamentação teórica (filosófica) daqueles direitos – para além do mero consenso prático. Isso leva-o a uma filosofia da lei natural, em nível ontológico e gnoseológico. «A carta democrática» contém reflexões sobre coisas como os «hereges» políticos, a autoridade e as minorias de choque proféticas. Em «A Igreja e o Estado», depois de enunciar e expor o que designa como os

princípios gerais imutáveis – pessoa humana e corpo político, liberdade da Igreja, Igreja e corpo político – analisa o clima histórico da modernidade e examina a aplicação histórica daqueles princípios, passando em revista modelos e princípios como os da superioridade da Igreja, o princípio da cooperação, o reconhecimento público da existência de Deus, etc. Num último capítulo do livro – «O problema da unificação política do mundo» –, com a aprendizagem da Segunda Guerra Mundial, Maritain propõe na um novo horizonte (global) como quadro de preocupação e de acção política.

O livro encerra com a reprodução de um texto, pouco conhecido, escrito em 1937, no qual Maritain explora a noção de povo, subentendida na conhecida fórmula de A. Lincoln para a definição de democracia: «governo do povo, pelo povo e para o povo».

Maritain é um clássico da filosofia, e designadamente da filosofia neotomista, uma filosofia hoje «démodée». O seu contributo para um recto – muito mais que «politicamente correcto» – pensamento político continua a merecer a atenção dos espíritos livres, sobretudo livres de ideologias que cegam, aprisionam e paralisam o mesmo espírito, não raro em homens ou mulheres que se reclamam de serem os guardiães da liberdade e da democracia.

JORGE COUTINHO

CAYE, Pierre, **Morale et chaos. Principes d'un agir sans fondement**, coll. «La nuit surveillée», Les Éditions du Cerf (www.editionsducerf.fr), Paris, 2008, 350 p., 210 x 135, ISBN 978-2-204-08646-2.

O autor parte do pressuposto de que, no mundo que habitamos, tecido de sociedades complexas e instáveis, tudo se torna